

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA E OS DIFERENTES ESTILOS DE APRENDIZAGEM

Nádia Mohr ¹

Elisa Bernardete Rambo ²

José Edézio da Cunha ³

Ericson Hideki Hayakawa ⁴

RESUMO

No ensino de Geografia as diferentes linguagens utilizadas são importantes no processo de aprendizagem, pois auxiliam o professor na materialização do conteúdo e são ferramentas importantes para o ensino. Ao conhecer os estilos de aprendizagem o professor poderá gerenciar os conteúdos de forma mais clara efetivando o desempenho dos alunos em sala de aula. Como cada indivíduo possui maior facilidade em uma forma de aprender por exemplo, a forma visual, a forma auditiva e a forma cinestésica (VAC) destaca-se a importância da utilização das mesmas nas práticas escolares. Considerando isso, foram pesquisadas dissertações apresentadas a diversas universidades que destacam essas práticas pedagógicas no ensino da Geografia, associando-as aos diferentes estilos de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da Geografia, Práticas Pedagógicas, Estilos de Aprendizagem.

ABSTRACT

In teaching Geography, the different languages used are important in the learning process, as they help the teacher to materialize the content and are important tools for teaching. By knowing the learning styles, the teacher will be able to manage the contents more clearly, effecting the performance of students in the classroom. As each individual finds it easier to learn, for example, the visual form, the auditory form and the kinesthetic form (VAC), the importance of using them in school practices is highlighted. Considering this, dissertations presented to several universities were researched that highlight these pedagogical practices in the teaching of Geography, associating them with different learning styles.

KEYWORDS: Teaching Geography, Pedagogical Practices, Learning Styles

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon - PR, nadiamohr@hotmail.com;

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon - PR, elisa.rambo@unioeste.br;

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR, edeziocunha@hotmail.com;

⁴ Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon - PR, ericson.hayakawa@unioeste.br;

Cada indivíduo apresenta uma maneira particular de aprender e assimilar novos conteúdos. No contexto escolar, ter o conhecimento sobre os diferentes estilos de aprendizagem pode ser um importante instrumento para os professores e a instituição de ensino (SCHIMITT e DOMINGUES, 2016). Segundo essas autoras, todos os indivíduos possuem um estilo próprio para aprender. Fortalecer o ensino considerando os diferentes estilos de aprendizagem ou identificar as características de estilo de aprendizagem de cada sujeito podem ser determinantes no processo ensino aprendizagem. O desafio é atender as individualidades em sala de aula.

Segundo Schmitt e Domingues (2016), as discussões sobre os diferentes estilos de aprendizagem e dos modelos de estilos de aprendizagem sempre nortearam as discussões de cunho pedagógico. As autoras mencionam que as diferentes maneiras e preferências em aprender são temas de estudos por pesquisadores em todo o mundo, sendo que muitos já sinalizaram que esse conhecimento pode trazer benefícios ao trabalho educacional. No contexto dos estilos de aprendizagem, há diferentes tipologias ou abordagens, tais como a de Kolb e a teoria da aprendizagem experiencial, a de Gregorc e o delineador de estilo, a de Vark (visual, auditivo, sinestésico, leitura/escrita), a de Dunn e Dunn que considera a resposta do sujeito a estímulos ambientais, emocionais, sociais, físicos, psicológicos, dentre outros estilos de aprendizagem.

No contexto da geografia, as pesquisas que associam os estilos de aprendizagem e as práticas adotadas pelos professores ainda carecem de maiores estudos. Tendo em vista que o dia a dia escolar integrará uma equipe com diferentes formações acadêmicas, e que, em muitas escolas é exigido um Plano de Trabalho Docente que considere os diferentes estilos de aprendizagem, é fundamental que o acadêmico e o futuro professor de geografia possuam o arcabouço teórico prático dessa temática. Diante disso, este estudo analisa materiais produzidos a nível acadêmico que discutem e exemplificam diferentes práticas pedagógicas que foram ou poderão ser aplicadas em sala de aula na disciplina de geografia. Objetiva discutir as abordagens comumente observadas nos conteúdos de geografia em relação aos diferentes estilos de aprendizagem. Neste caso em específico, considerando os fatores: Visual, Auditivo e Cinestésico (VAC), cruzando as práticas abordadas nas dissertações aos estilos de aprendizagem contemplados em cada uma delas. Estudos como este são importantes para fomentar a discussão das particularidades que norteiam o processo ensino-aprendizagem nos diferentes níveis de ensino.

APORTE TEÓRICO

As diferentes práticas pedagógicas são importantes para o ensino de forma geral, e no contexto da disciplina de Geografia, o processo de ensino-aprendizagem pode ser incorporado de elementos que complementam o conteúdo como: a vivência do aluno, os conteúdos já abstraídos em anos anteriores e a participação dos estudantes nas aulas. Além disso, o professor deve ter um conhecimento prévio e ponderar a forma que aborda cada conteúdo com os diferentes estilos de aprendizagem.

Para que aconteça o ensino aprendizagem é essencial que professor utilize diferentes práticas tanto em sala de aula como em todo o cotidiano escolar, porém, a prática pedagógica é mais abrangente do que se imagina elas dependem também dos



acontecimentos sociais ocorridos no dia a dia, estes momentos devem ser planejados, pelos professores (CALDEIRA e Z Aidan, 2010).

Segundo Caldeira e Zaidan (2010) as práticas pedagógicas podem ser entendidas como: uma prática social muito complexa, e, que ocorre em diferentes espaços e tempos da escola, com diversos indivíduos envolvidos sejam professores e alunos na sala de aula, mediada pela interação professor-aluno-conhecimento, onde existe uma mistura de elementos particulares e gerais, relacionados aos docentes (experiência, formação corporeidade, condições de trabalho e escolha profissional) ou aos demais profissionais da escola (experiências, formação, função). Aos discentes (idade, corporeidade, condição sociocultural) ao currículo; ao projeto político-pedagógico da escola; ao espaço escolar e a todas as condições materiais e de organização, relevantes a comunidade em que a escola se insere e às condições locais.

Para Fernandes (1999) a prática não deve estar reduzida somente a didáticas ou metodologias utilizadas, mas também estar vinculada a prática social de forma que abranja as perspectivas da interdisciplinaridade.

“[...] prática intencional de ensino e aprendizagem não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma e perspectivas interdisciplinares” (FERNANDES, 1999, p. 159).

Neste processo de ensino-aprendizagem, a interdisciplinaridade está diretamente relacionada ao conceito de contextualização sócio histórica como princípio integrador do currículo. Pois, tanto uma como a outra sugerem uma articulação que estejam além dos limites da compreensão das disciplinas escolares, porém, sem repetir o relativismo epistemológico. Na verdade, ambas fortalecem essas disciplinas ao se basearem em aproximações conceituais coerentes e nos contextos sócio históricos, tornando possível a existência e constituição dos objetos dos conhecimentos disciplinares (RAMOS, 2004 p. 01) ressalta:

“Sob algumas abordagens, a contextualização, na pedagogia, é compreendida como a inserção do conhecimento disciplinar em uma realidade plena de vivências, buscando o enraizamento do conhecimento explícito na dimensão do conhecimento tácito. Tal enraizamento seria possível por meio do aproveitamento e da incorporação de relações vivenciadas e valorizadas nas quais os significados se originam, ou seja, na trama de relações em que a realidade é tecida” (RAMOS, 2004, p. 01).

Filizola (2009, p. 31) expõe que a “ [...] “prática escolar tem de estar voltada ao sucesso dos alunos, isto é para seu crescimento e desenvolvimento”. O autor retrata que assim a aprendizagem será satisfatória, porque o aluno realmente assimilará o conhecimento. Nesse contexto, as práticas pedagógicas devem ser adequadas a realidade dos educandos e se necessário repensadas para que aconteça a evolução do processo de ensino na construção dos saberes (FILIZOLA, 2009). O autor também destaca que não se deve pensar em reproduzir o que se aprende ou ensina nas universidades, mas estar organizando os conhecimentos básicos de forma que os alunos possam desenvolver um pensamento geográfico, ou ainda exercer o papel de cidadãos.

Contudo, a realidade da sala de aula é complexa e o professor além de dominar o conteúdo a ser ensinado, precisa lidar com outros conteúdos e tarefas/atividades. Por exemplo, em várias escolas o professor precisa preparar o seu PTD (Plano de Trabalho Docente), que deve considerar os estilos de aprendizagem de cada aluno. É necessário no início de cada ano letivo realizar uma avaliação diagnóstica em cada turma buscando



contemplar os diferentes estilos de aprendizagem em cada conteúdo abordado, além de tentar localizar cada indivíduo na vida social que está inserido.

“Não se trata apenas de ensinar conteúdos de estudos sociais, mas de desenvolver conceitos que são importantes, construtivos da própria vida. Eles devem ser propostos, exercitados, para que a criança entenda o seu significado, não em si mesmo, mas em sua dinâmica na vida da sociedade” (CALLAI, 2003, p. 65).

Para que os estudantes tenham êxito na utilização das representações cartográfica eles precisam compreender os elementos dispostos nos mapas, cartas e demais produtos cartográficos, e para que isto de fato aconteça, estes alunos precisam manter contato com os materiais cartográficos, e antes disto ainda compreender as disposições de espacialidade (dentro, fora, lateralidades, direções) isto de acordo com seu grau de abstração, somente assim é que vão acontecer os progressos. Nesta linha de pensamento Passini (2007) ressalta:

“As primeiras relações espaciais que a criança constrói são as relações espaciais topológicas (vizinhança, proximidade, separação, envolvimento e interioridade/exterioridade). Elas evoluem depois para as relações projetivas (coordenação de pontos de vistas, descentração, lateralidade). As ações que os educandos organizam para essas construções podem explicar o funcionalismo do seu pensamento para a leitura do espaço e sua representação. A passagem da percepção para a representação espacial é feita sobre significante e significado, isto é, sobre o pensamento (significado) e o desenho (significante)” (PASSINI, 2007, p. 213).

Embora pareça algo comum e fácil a leitura e produção de materiais cartográficos como: croquis, mapas, maquetes e outros, é bem mais complexo do que parece, Souza e Katuta comentam:

“Ler mapas, como se fossem um texto escrito, ao contrário do que parece, não é uma atividade tão simples assim, para que isso ocorra, faz-se necessário aprender, além do alfabeto cartográfico, a leitura propriamente dita, entendida aqui não apenas como mera decodificação de símbolos. As noções, as habilidades e os conceitos de orientação e localização geográficas fazem parte de um conjunto de conhecimentos necessários, juntamente com muitos outros conceitos e informações, para que a leitura de mapas ocorra de forma que o aluno possa construir um entendimento geográfico da realidade” (SOUZA e KATUTA, 2001, p. 51).

Sobre a forma de leitura do espaço podemos ressaltar que além de compreender o seu lugar neste espaço o sujeito torna-se mais crítico a respeito da sua realidade, e esta visualização reflete a uma formação mais crítica deste sujeito. Callai (2005), se posiciona dizendo:

“Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos)” (CALLAI, 2005, p. 2).

Como uma das formas mais antigas de linguagem o mapa é utilizado desde a pré-história para comunicação e, ainda hoje, alguns povos que não possuem expressões gráficas os utilizam (OLIVEIRA, 2010). A mesma autora destaca que o mapa atingiu um



desenvolvimento muito maior do que a própria escrita, e a linguagem do mapa é tão sofisticada, que exige um bom preparo do leitor para compreender usar suas informações, o que justifica o fato de os estudantes não conseguirem assimilar as informações contidas nestas representações, e destaca que:

“Os mapas escolares são reproduções dos mapas geográficos. O que ocorre é que os pequenos “leem” os mapas dos grandes, os quais são generalizações da realidade que implicam uma escala, uma projeção e uma simbologia especiais e que não tem significação para as crianças” (OLIVEIRA, 1999, p. 189).

Ferreira (2011) destaca que para o estudante elaborar um mapa é importante que ele tenha em mente o espaço, sendo o mapa uma forma de representação do espaço com símbolos, legendas e escalas que aguçam a curiosidade dos alunos e faz com que estes busquem melhorar suas habilidades para entendê-los, decifrá-los e utilizá-los. Almeida e Passini (2010) observam que para o trabalho escolar sobre o espaço e sua representação é essencial observar três pontos:

1. A construção da noção de espaço pela criança por meio de um processo psicossocial, no qual ela elabora conceitos espaciais por meio de sua ação e interação em seu meio, ao longo de seu desenvolvimento psicobiopsocial.
2. A importância do aprendizado espacial no contexto sociocultural da sociedade moderna, como instrumento necessário à vida das pessoas, pois esta exige certo domínio de conceitos e de referências espaciais para deslocamento e ambientação; e, mais do que isso, para que as pessoas tenham uma visão consciente e crítica de seu espaço social.
3. O preparo para esse domínio espacial é, em grande parte, desenvolvido na escola, assim como o domínio da língua escrita, do raciocínio matemático e do pensamento científico, além do desenvolvimento das habilidades artísticas e da educação corporal” (ALMEIDA e PASSINI, 2010, p 10).

Para que o estudante tenha êxito, é fundamental trabalhar com foco em três aspectos, segundo Almeida e Passini (2010, p. 22): “a função simbólica, o conhecimento da utilização do símbolo e o espaço a ser representado”.

Cada indivíduo possui maior facilidade em uma forma de aprender, por exemplo, a forma visual, a forma auditiva e a forma cinestésica. No contexto de uma sala de aula, é importante considerar essas particularidades para garantir minimamente que todos os estudantes aprendam o necessário. Essas diferentes formas de aprender são conhecidas como VAC (Visual, Auditivo e Cinestésico), e se baseiam nos sentidos de cada indivíduo (PIOVESAN, 2018). Esta teoria foi desenvolvida por Fernald e Keller e Orton-Giligham, e se subentende que o aprendizado acontece por meio dos sentidos: visual, auditivo e tátil. Cada sujeito aprende de formas diferenciadas os conteúdos propostos pelas mais diversas disciplinas (PIOVESAN et al., 2018). A autora explicita cada uma das formas:

“Estilo visual: Neste grupo estão os estudantes que possuem habilidades de conhecer, interpretar e diferenciar os estímulos recebidos visualmente. A partir da visualização das imagens, é possível estabelecer relações entre ideias e abstrair conceitos.

Estilo Auditivo: Estudantes com estilo auditivo possuem habilidades de conhecer, interpretar e diferenciar os estímulos recebidos pela palavra falada, sons e ruídos, organizando suas ideias, conceitos e abstrações a partir da linguagem falada.

Estilo Cinestésico: Encontramos neste grupo estudantes que possuem habilidades de conhecer, interpretar e diferenciar os estímulos recebidos pelo movimento corporal” (PIOVESAN et al., 2018, p. 59 e 60).



Para um melhor detalhamento no quadro 1 estão algumas características que são observadas na forma de aprender com os seguintes sistemas dominantes. Considerando sua importância nos planejamentos e condução das aulas este tema foi discutido e aprofundado na formação continuada (Semana Pedagógica) dos professores da rede estadual de ensino do estado do Paraná pela SEED.

Quadro 1 – Características observadas na forma de aprender (VAC)

	VISUAL	AUDITIVO	CINESTÉSICO
Estilo de Aprendizagem	Aprende pela visão; observa demonstrações; gosta de ler e imaginar as cenas no livro; tem boa concentração; rápido na compreensão.	Aprende por instruções verbais; gosta de diálogos; evita descrições longas; não presta atenção nas ilustrações; move os lábios quando lê; subvaloriza.	Aprende fazendo, por envolvimento direto; prefere ir logo para a ação; não é bom leitor.
Memória	Lembra-se bem dos rostos, mas se esquece dos nomes; escreve e anota através de esquemas resumidos e simbólicos; lembra bem das imagens.	Lembra os nomes, mas esquece os rostos; decora as coisas por repetição auditiva.	Lembra-se melhor das coisas que fez e não daquelas que ouviu.
Para resolver problemas	Delibera e planeja bem antes; organiza os pensamentos e tem boa visão das soluções e alternativas.	Fala sobre os problemas; testa as soluções verbalmente.	Ataca fisicamente o problema; ação; impulsividade; geralmente escolhe soluções que envolvem muitas atividades.
Aparência geral	Limpo; metucioso; gosta de ordem e de coisas bonitas.	Combinar roupas não é tão importante; prefere explicar as escolhas.	Limpo; mas logo se desarruma por causa das atividades. Sem muito senso estético, conforto é essencial.
Comunicação	Quieto; não fala muito e se o faz fala muito rápido; impaciente-se quando tem que ouvir explicações longas; uso desajeitado das palavras; descreve coisas com detalhes; usa predicados verbais do tipo “veja bem..., é claro..., brilhante” etc.	Gosta de ouvir mas não consegue esperar para falar; descrições são longas e repetitivas; usa predicados verbais do tipo: “ouça, escute, deixe eu explicar...”.	Gesticula quando fala; não é bom ouvinte; fica muito perto quando fala ou ouve; perde rapidamente interesse por discursos; usa predicados do tipo: “sinto que, pegue firme, concreto,..”etc.



A aprendizagem acontece de diversas formas e em todas as fases da vida dos indivíduos, podendo ser influenciadas pelas mais diversas experiências vivenciadas. Vários autores trazem discussões sobre o processo de aprendizagem, mencionados por Piovesan et al. (2018) estão: Rogers (1969), Vygotsky (1998), Oliveira (2002), Campos (2014), que compartilham desta mesma ideia. Esta autora, baseada nas ideias de Vygotsky (1998) ressalta que:

“...a aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento desde o início da vida humana, iniciando muito antes da entrada da criança na escola. É um processo permanente e contínuo que ocorre em diferentes espaços, sejam formais como é o caso da escola, ou informais. A aprendizagem possibilita que sejam despertados processos internos de desenvolvimento, em que as relações estabelecidas influenciam intensamente estes processos. O que quer dizer que, embora haja um percurso de desenvolvimento definido individualmente pelo processo de maturação de cada organismo, é por meio da aprendizagem que tais processos são impulsionados” (PIOVESAN et al., 2018, p. 60).

Além da forma como cada estudante aprende, também é importante ressaltar que a aprendizagem apresenta características que são definidas como processos. Campos (2014) classifica e explica estes processos da seguinte forma:

- 1- Processo dinâmico: o indivíduo participa ativamente.
- 2- Processo contínuo: o indivíduo aprende desde o nascimento até a sua morte. O aprendizado ocorre de forma diferente dependendo da faixa etária e contexto vivenciado por cada um, de modo formal ou informal.
- 3- Processo global: esse processo de aprendizagem requer participação total do indivíduo nos aspectos físicos, intelectuais, emocionais e sociais, pois provoca mudanças no seu comportamento. Acontece uma evolução gradativa de maneira global, exige completo envolvimento do indivíduo.
- 4- Processo pessoal: a aprendizagem é uma experiência individual, onde cada indivíduo tem seu ritmo e forma pessoais e intransferível de aprender.
- 5- Processo gradativo: a aprendizagem se desenvolve de modo gradativo, a cada nova aprendizagem vão se agregando elementos aumentando a sua complexidade.
- 6- Processo cumulativo: as aprendizagens se somam, vão acumulando experiências, que somadas geram mudanças no seu comportamento, quanto mais experiências maiores possibilidades de aprendizagem.

Partilhando destas ideias, classificando as fases de aprendizagem Zimring (2010) destaca que Carls Rogers em 1969 organizou 10 princípios da aprendizagem:

1. O ser humano possui aptidões naturais para aprender.
2. A aprendizagem autêntica supõe que o assunto seja percebido pelo estudante como pertinente em relação aos seus objetivos. Esta aprendizagem se efetiva mais rapidamente quando o indivíduo busca uma finalidade precisa e quando ele julga os materiais didáticos que lhe são apresentados como capazes de lhe permitir atingi-la mais depressa.
3. A aprendizagem que implica uma modificação da própria organização pessoal – da percepção de si – representa uma ameaça e o aluno tende a resistir a ela.
4. Aprendizagem que constitui uma ameaça para alguém é mais facilmente adquirida e assimilada quando as ameaças externas são minimizadas.
5. Quando o sujeito se sente pouco ameaçado, a experiência pode ser percebida de maneira diferente e o processo de aprendizagem pode se efetivar.
6. A verdadeira aprendizagem ocorre em grande parte através da ação.

7. A aprendizagem é facilitada quando o aluno participa do processo.
8. A aprendizagem espontânea que envolve a personalidade do aluno em sua totalidade – sentimentos e intelecto imbricados – é a mais profunda e duradoura.
9. Independência, criatividade e autonomia são facilitadas quando a autocrítica e auto avaliação são privilegiadas em relação à avaliação feita por terceiros.
10. No mundo moderno, a aprendizagem mais importante do ponto de vista social é aquela que consiste em conhecer bem como ele funciona e que permite ao sujeito estar constantemente disposto a experimentar e a assimilar o processo de mudança” ZIMRING (2010, p. 20-21).

É importante conhecer e identificar os Estilos de Aprendizagem para ampliar as possibilidades de uma aprendizagem significativa, de uma forma mais prazerosa, para diminuir os problemas de aprendizagem e com isso reforçar que as técnicas auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, dentro e fora da sala de aula, e que quando caminham juntas permitem a leitura, a observação, a percepção e os registros na forma de relatórios, croquis, plantas e desenhos dos mais variados conteúdos (SALDANHA et al., 2016).

Este processo de ensinar e aprender sempre foi difícil, porém com a evolução dos estudos, principalmente na pós-modernidade, Pozo (2002) evidencia a necessidade de superar os fracassos deste processo:

“Não é simplesmente que aprendemos pouco, nem que se ensine mal. É que cenários de aprendizagem e instrução não foram pensados levando em conta as características dos aprendizes e seus mestres” (POZO, 2002, p. 16-17).

Para Barros (2014) existem implicações pedagógicas dos estilos de aprendizagem considerando o ensino centrado no aluno, pois este tipo de aprendizagem se estrutura nas individualidades e nas necessidades do aluno, porém cada docente tem seu estilo de aprendizagem e acaba ensinando no estilo que aprende, sendo assim não contempla todos os estudantes, para que isso não aconteça a autora sugere a utilização de questionários para identificar o estilo dos alunos. Nesse contexto, Barros (2014) ainda menciona que de acordo com os estudos de Doyle y Rutherford (1984) visto em Alonso, Gallego, Honey (2002), existem quatro aspectos importantes a serem destacados:

- “• O docente deve concretizar quais as dimensões da forma de aprender dos alunos, considerando a idade, a maturidade e o tema que se está estudando.
- Deve eleger um instrumento e métodos didáticos apropriados para as características de seus alunos.
- Verificar como organizar a diversidade de estilos com os métodos e estratégias de aprendizagem.
- É necessário verificar as possibilidades de desenvolver um trabalho desse nível, mas adequando as características do espaço de sala de aula” (BARROS, 2014, p. 10).

METODOLOGIA

A metodologia consistiu em revisão bibliográfica acerca da temática e descrição qualitativa que remetem a incorporação de práticas pedagógicas na disciplina de geografia, e assimilá-las aos três diferentes estilos de aprendizagem. Foram elencadas algumas dissertações desenvolvidas por autores de diferentes instituições de ensino e assim classificadas ao estilo ou estilos de aprendizagem que melhor se enquadram.



Observa-se que a geografia comumente desenvolve pesquisas que abordam temáticas sobre práticas pedagógicas e o processo de ensino-aprendizagem (Quadro 2). Diante dos exemplos apontados no Quadro 2, de modo geral, as práticas abordadas estão contemplando os diferentes estilos de aprendizagem, demonstrando a preocupação com as formas de aprender. Contudo, observa-se que na maioria das vezes o estilo visual é o ponto de partida para o processo de ensino-aprendizagem. É importante que o professor esteja ciente e sensível a todos os estilos de aprendizagem, pois pode de certa forma comprometer o aprendizado dos alunos que aprendem com um estilo em detrimento do outro. O professor terá de adaptar o conteúdo e as aulas considerando os demais estilos de aprendizagem, lembrando que muitos alunos precisam de diferentes estímulos e aprendem de forma combinada, ou seja, com mais de um estilo. Cerqueira (2000, p. 36) afirma que: “O estilo que um indivíduo manifesta quando se confronta com uma tarefa de aprendizagem específica. (...) uma predisposição do aluno em adotar uma estratégia particular de aprendizagem, independentemente das exigências específicas das tarefas”.

Quadro 2 – Exemplos de práticas pedagógicas e sua contextualização com os estilos de aprendizagem.

Universidade	Título da dissertação	Autor/ano	Orientador
UFPE	A prática pedagógica do professor de Geografia no ensino dos conteúdos cartográficos	Souza, Sônia Magali Alves De, 2002.	Neto, Batista José
UFRGS	A espacialidade e a temporalidade nas representações dos alunos do quinto ano no contexto da pré-história	Corso, Cristina Pires, 2015.	Costella, Roselane Zordan
UFRGS	Geografia e ensino: a elaboração de fanzines como possibilidade na construção do conhecimento	Franco, Fábio Poletto, 2014.	Castrogiovanni, Antônio Carlos
UFRGS	Geografias em quadrinhos: imaginando um mundo em sala de aula	Costa, Rafael Martins da, 2012.	Tonini, Ivaine Maria
UFRGS	Os “pequenos notáveis”: a utilização do selo postal no processo de ensino-aprendizagem da geografia	Fiegenbaum, Maicon, 2017.	Costella, Roselane Zordan
UFRGS	As relações raciais na parede: sentir – pensar a geografia pela fotografia	Cardoso, Wagner Innocencio, 2016.	Kaercher, Nestor André



	Google Earth como procedimento metodológico na prática pedagógica da Geografia o Ensino Fundamental II.	Vale, Thiago Souza, 2014.	Buitoni, Marisia Margarida Santiago
UNIOESTE – Francisco Beltrão	Ensino de geografia: diversidade metodológica como princípio motivador da aula	Surmacz, Elaine Cristina Soares, 2015.	Leme, Rosana Cristina Biral

Organização: autores (2021)

Dentre os conteúdos observados o estilo visual é o ponto de partida e comumente explorado em temáticas como: os conceitos cartográficos, a interpretação de mapas, o uso de aplicativos como o Google Earth, a produção de materiais como fanzines, a utilização de história em quadrinhos, o uso de selos postais para enaltecer estudos voltado a paisagem e suas mudanças através do tempo histórico, dentre outros que abordam a apropriação do espaço geográfico. Quando utilizado de forma integrada, o uso de imagens como as fotografias contemplam não só o visual, mas também o cinestésico e tátil, pois apesar de usar a imagem, sugere várias provocações junto aos alunos para que desenvolvam uma criticidade ao analisarem essas representações. Já o auditivo é contemplado quando o professor geralmente contextualiza, explica e debate com os estudante acerca do conteúdo trabalhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica no ensino da geografia se apresenta cada vez mais importante tanto para o professor como para o aluno, a vivência da prática escolar faz com que os estudantes desenvolvam melhor compreensão do conteúdo estudado.

Para que o processo de ensino aprendizagem tenha êxito é necessário que o professor esteja bem preparado, e repasse esse conhecimento de forma clara e objetiva. Por sua vez, o aluno também precisa estar atento as informações repassadas. Daí a importância dos educadores terem conhecimento dos estilos de aprendizagem e estarem atentos para identificar a forma de aprender dos alunos.

Se esse processo ocorrer de forma clara e significava e os conteúdos abordados de maneira com que facilite o aprendizado os estudantes se apresentarão mais motivados.

Isso é possível pois a Geografia tem o papel de instrumentalizar o aluno, oferecendo lhe as condições adequadas para que seja constituída a sua cidadania. Para que as propostas de um ensino sejam eficientes é necessário utilizar variadas metodologias e recursos didáticos.

Diante disso pode-se verificar que as propostas de diferentes práticas pedagógicas associadas aos diferentes estilos de aprendizagem auxiliam a geografia escolar a possivelmente apresentar melhores resultados.

REFERÊNCIAS



BARROS, D. M. V. **Estilos de aprendizagem e o uso das tecnologias**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2014.

CALDEIRA, A. M. S; ZAIDAN, S. **Prática pedagógica**. 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/328-1.pdf> .Acesso em 15/08/2021.

CALLAI, H. C.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A; SCHAEFFER, N. O. (Orgs.). **Geografia em Sala de Aula: Práticas e Reflexões**. 4. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS – Associação de Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003.

CARDOSO, W. I. **As relações raciais na parede: sentir – pensar a geografia pela fotografia**. Dissertação de Mestrado UFRGS- Rio Grande do Sul, 2016

CERQUEIRA, T. C. S. **Estilos de aprendizagem em universitários**. 2000. 179f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, UNICAMP Universidade de Campinas, 2000.

CORSO, C. P. **A espacialidade e a temporalidade nas representações dos alunos do quinto ano no contexto da pré-história**. Dissertação de Mestrado UFRGS- Rio Grande do Sul, 2015.

COSTA, R. M. **Geografias em quadrinhos: imaginando um mundo em sala de aula**. Dissertação de Mestrado UFRGS- Rio Grande do Sul 2012

FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa. **Sala de aula universitária – Ruptura, memória educativa territorialidade – o desafio da construção pedagógica do conhecimento**. 1999, 210 f. Tese de Doutorado, Porto Alegre: UFRGS, 1999.

FIGENBAUM, M. **Os “pequenos notáveis”: a utilização do selo postal no processo de ensino-aprendizagem da geografia**. Dissertação de Mestrado UFRGS- Rio Grande do Sul, 2017.

FILIZOLA, R. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

FRANCO, F. P. **Geografia e ensino: a elaboração de fanzines como possibilidade na construção do conhecimento**. Dissertação de Mestrado UFRGS- Rio Grande do Sul, 2014.

PASSINI, E. Y. **Práticas de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. In: PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (orgs.) São Paulo: Contexto, 2007.

POZO, J. I. **Aprendizes e Mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SALDANHA, C. C., ZAMPRONI E. C. B. & BATISTA, M. L. A. **Semana Pedagógica- Estilos de aprendizagem**. Paraná, 2016. Disponível em: 9 http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/julho_2016/d ee_a nex01.pdf. Acesso em: 29/06/2021.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

SCHIMITT, M. J. C. S. **Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo.** Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 2, p. 361-385, jul. 2016.

SOUZA, S. M. A. **A prática pedagógica do professor de Geografia no ensino dos conteúdos cartográficos.** Dissertação de Mestrado, UFPE-Pernambuco, 2002.

SURMACZ, E. C. S. **Ensino de geografia: diversidade metodológica como princípio motivador da aula.** Dissertação de Mestrado, UNIOESTE – Francisco Beltrão, 2015.

VALE, T. S. **O Google Earth como procedimento metodológico na prática pedagógica da Geografia no Ensino Fundamental II.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

ZIMRING, Fred. **Carl Rogers.** Tradução e organização: Marco Antônio Lorieri. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).